

LAGRIMA

QUINZENARIO ILLUSTRADO

POR AQUI ME SAFO

Que não ha remedio. Sim, não ha remedio, porque estou a pique de me convencer que não chegamos a entender-nos.

Então, Albino, eu penso cousas que não se pensam e escrevo cousas que não se escrevem?

Então, desapertan lo a retranca das nossas esperanças na virtude e na potencia do pensamento humano, temos de deixar pela janella fóra os livros que escreveram trinta gerações de sabios, temos de queimar esses fructos de um trabalho que honra a nossa especie, temos de deixar de pensar cousas que bellos espiritos pensaram, e de escrever cousas que extraordinarias pennas escreveram!

Mizericórdia!

O' synthese, ó incomparavel Aristoteles, ó incomparado Spenser, per loae. O Oliveira, um simples e tacanho espirito que viveu para ahí en re as pedras da calçada da Barca do Lago, e veio assoalhar as suas pretenciosas filancias n'uma loja de mercearia de Parcellos, entre a ceira dos figos e a barrica do assucar, esse lorpa, que sou eu, acolou-se no vosso pensar, enredou-se na vossa synthese arroja-la e altiva para plagiari os vossos pensamentos e escrever o que vós com outras palavras escrevestes!

Amigo Albino. Não sou filosofo. Ha muitas coisas n'este mundo que eu, na minha inconsciencia, detesto; moscas, bexigas, filosofia, politica, calos, e outras calamidades sociais... Perdão, Albino, nunca pucheí pelo barão philosophia, nem concebo mesmo que haja uma sciencia chamada philosophia. Como substancia alimenticia, detes-o, não só a philosophia, como o cação.

Aquillo que eu disse foi plagiado. Avem-te lá com quem pensou taes cousas.

Devem ser uns asnos, ou eu me engano.

Não era original, pois, o que eu disse na «Lagrima». Agora, porem, vou dizer-te alguma cousa de novo. Espera ahí.

—Mais facil é escrever, do que fazer accetavel um escripto por quem está de opinião antecipa-la contra elle.

Isto não é novo para ninguem, excepto para ti, segun lo penso crer da tua soi disan. resposta ao meu «Com licença».

Aquillo não é resposta. Será antes uma pergunta. E essa pergunta poderia formular-se assim, pouco mais ou menos:

«Amigo Oliveira, dize-me cá; (mas isto muito em particular,) eram contrabassos, cornetins, violões, ou guitarras, os instrumentos que tocaram os antigos que Deus haja de que tu fallas na «Lagrima», ou eram linguas a fallar?»

E eu, com a minha charuteira aberta para ti em signal de offerecimento amigavel, responderte-ia, serenamente, como costume:

—Não. Aquillo não eram epochas vivas que sentiam nem ideias que fallavam. Foi chalaça minha. Quem escreve sempre divaga. Aquillo não eram epochas, nem linguas: eram almondegas. Cambões mesmo não passou d'um verseja-lor. Eu conheci-o. Tinha um olho que não tinha, e tocava lyra, que é, como sabes, instrumento de corda.

E quanto a instrumentos, remetto-te ao meu e teu amigo Carreira que tem mais autoridade do que eu em taes assumptos de sopro ou de delo.

José d'Oliveira.

ANATHEMA

Inverno. Meia noite. E' negro o espaço enorme. Cheio de treva o ceu. Tudo na Villa dorme. Tu lo repousa emfim do labutar do dia. Nem uma esrella só na vastidão sombria. O ventlaval, febril, cycloptico, demente, Lufava, inquieta lora, impertinentemente, Frio como um algoz, rijo como um açoite, Nos abysnos sem fim da escuridão da noite. A chuva, a saraivar, em bategas geladas, Brun'a, lapidava as pedras das calçadas. Tu lo descança: o bom, o mau, justiça e crime, O vicio que despenha, a crença que redime, O pária que blasphema e o rico que bemdiz. Tudo repousa emfim na boa paz feliz Da quentura d'um leito abençoado e quêdo. Dormem no doce ninho as aves, como a mêdo.

Entretanto, alguém ha que não descança assim. Entre o lugubre arfar da escuridão sem fim E os gelos que lhe manda o duro firmamento, Um homem, rude o olhar, cabelo solto ao vento, Caminha, pensativo e mudo e cabisbaixo, Como um fantasma ruim por essa rua abaixo. A barba é cor de neve e no seu negro olhar Existe um quer que seja ignoto e singular. Tem o perfil anigo e os modos deshumanos

A Lágrima

D'um ente que morreu ha quatro centos annos
E que vem, pela noite, arrebatado, agora,
De inimigos cordeaes, emfim, tirar desforra.
Murmura umas fataes palavras incongruentes,
Mostrando no sorrir dos abalados dentes
Uma colera ativa e funda, grande e crúa.

E o ceu sempre a bramir...

Chegou ao fim da rua.
Parou; fitou o olhar, um duro olhar sombrio,
N'um edificio escuro e enorme e bruto e frio
Que alli se anla a fazer. Aquelle olhar tol lou-se
Como se em frente visse o gume d'uma fouce.
E erguendo um tumular e descarnado braço
Clamou (e a sua voz ia abalar o espaço):
«O' grandes intrujões, ó cabeças de nabo,
Seus filhos de, uma mãe, seus filhos do diabo...
E queriam vocês, e queria esta gente,
Ter por patria esta patria audaz de Gil Vicente.
Gil Vicente sou eu mas nunca Gil eu fóra,
Para vêr afinal o que estou vendo agora.»
E apontando p'ra aquella estupidez de pedra,
Onde medra a vai-la te, onde a ignorancia medra,
Bradou: «oh! mal-o haja a mãe que deu tal fruto,
Mal-o haja o casarão pesalo e negro e bruto,
Que em vez de casarão mer'cia que tivesse,
Um r alem do outro e um g. em vez d'um s.»

Abriu o ceu. Cessou a chuva e a ventania.
Dissolveu-se a visão.

Vinha rompendo o dia.

Na geral do theatro Chalet ouviu-se uma gargalhada capaz de fazer estremecer os alicerces do edificio. Das cadeiras todos se voltam e inquirir do motivo de tão estrepitosa alegria, a soubo-se que o Zé da Mãe tomando por offensa aos seus bríos de pae os affagos e beijos que uma encantadora creança, filha da actriz Breia, recobria dos espectadores, passando de collo a collo, e não lhe soffrendo o seu coração cases insultos diz:

— «Então essa creança é bonita? E' porque nunca viram o meu filho...»

Sue e d'ahi a pouco volta com o filhinho, que dormia o innocente somno dos justos, de cara suja e exalando os vapores ammoniacaes da urina e apresentando-o exclama:

— «Vejam lá agora qual é mais bonita?»

E foi então que se ouviu o ruidoso: ah! ah! ah! ah!

O Domingos Caravana que já não podia fazer callar o alarido ensurdecedor que a multidão de contribuintes fazia, á porta da recedoria, para largar o seu rico dinheirinho em troca das *bilhetas*, mandou chamar o sr. Graça Lima, e diz-lhe em voz de Adamastor:

— «Isto aqui é um açougue!»

Um dos que esperava vez de ser esfollado, responde-lhe immediatamente:

— «... e o senhor é o boi.»

O bonito foi em seguida o conjuin o da voz grossa do sr. Caravana, com a oitava acima, do sr. Lima, contendo a *turba-multa* do Zé pagante.

AO PUBLICO

Pele-nos o sr. Miranda, constructor do theatro Gil Vicente, para darmos publicidade ao seguinte communico lo, ao que accelemos por conter razões cordatas:

A proposito de insinuações feitas malevolentemente na intenção de transferir responsabilidades, entendo de meu dever, como constructor do theatro Gil Vicente, trazer a publico algumas explicações sobre o ponto principal que tanto prende as atenções—o arco abatido do proscenio.

Na planta, aquelle arco está descripto de um só centro com um raio de 12,^m50, d'onde provem uma corda de 8,^m e uma flexa igual a 0,60, isto é, quasi plano, o que, segundo todas as leis conhecidas e applicadas a estes casos, determina um esforço maior que o permittido pela resistencia dos encontros existentes.

Para melhorar as condições de segurança foi que eu, com o consentimento da Commissão, alterei o traçado do mesmo arco, descrevendo-o de tres centros, conforme os methodos conhecidos, e dando-lhe á flexa mais 0,^m95, ficando, pois, igual a 1,^m55. Comtudo, não confiando nos *ar:anques* e nos *encontros* do arco participei verbalmente á Commissão que n'ó assumia a responsabilidade da montagem do mesmo arco. Oavido o engenheiro e por elle examinada a cantaria já lavrada foi-me dito que a montasse, que o arco tinha a segurança precisa.

Ahi fica, pois, o historico da construção do arco do proscenio, do theatro Gil Vicente, agora em construção, convindo ainda notar que nas medições apresentadas não estava contada a cantaria para esse arco, apenas figurava a alvenaria.

Emfim, como constructor, fiz, dentro dos limites da planta, quanto foi possível para dar ao mallogrado arco a segurança de que carecia, alterando o, como disse acima, e, tambem, diminuindo 0,^m22 ao pé direito.

De nada lhe valen, mas, resta-me a consolação que cumprí o meu dever e que veleí pelos meus creditos de artista, e, de que ainda agora, dando esta explicação ao publico, prosgo no mesmo caminho.

Notem que isto é para o publico, para mais ninguém.—(a) *Antonio de Miranda*.

A Lagrima

Um joven alfaiate de S. Pedro, andava a arrastar a aza a uma raparigueta d'alli, filha d'um tal *Chifre*.

Este não gostava da brinca leira e pintara o diabo á filha que, arreliada e assim contraria, abandonou o paterno lar e, segunlo cremos, foi en'tregar-se ao seu bem-amado.

Até aqui um caso banal, como muitos que por ahí se dão.

Mas o melhor é o seguinte:

O pae da rapariga é cego d'um olho. Andou a procural-a, e, não a encontrando, supoz que era defeito ou falta de vista, e foi procurar o *Menino Turco*—sabem quem é?—que igualmente é cego d'um olho, para o auxiliar nas suas pesquisas.

O certo é que a lembrança deu-lhe resultado, porque os dois, ca la um com o seu olho, tanto andaram que encontraram a fugitiva.

PARA HOJE

Como o homem para viver precisa cuidar do estomago, Domingos Vinagre fornece, hoje, por modica quantia, aos habitantes da villa, um esplendido *sarra'ulho*.

Mas como tambem nem só de pão vive o homem, salta do lado o Baptista Machalo a acenar-lhe ao espirito com o *Villio*, comedia drama, e com a comedia *Bilontras*.

A CITANIA

Eh! arriba, rapaziada!

E la vamos, aquella duzia e meia de rapazes alegres, de subida, pela escharpa, cheia de urze e cheia de pedra, do monte de Roriz, a essa hora aqueçada apenas pelos primeiros raios do sol que se elevava, vagarosamente, na pompa magestosa da luz, acima dos cabeços delincados ao longe por entre os farrapos da bruma da manhã. E' para a Citania, amigos. O Soucasaux ao lado do burro, o burrico que leva a pinga para a jornada, um burrico alegre, d'essa alegria cheia da sensação d'um excursionista que se identifica ao seu papel de conviva na sucia. O Cardoso Pinto, á frente, como o estandarte victorioso de um batalhão que se lança na vanguarda da escalada, cantando na esperança de um dia grande de surpresas; o Pegas, mais crescido, parece que um pouco inchado do convívio a que a intenção scientifica o chamava, lá vac, descalço, alegre como um passaro, discreto como um pagem, saltando pelo atalho, invio e agreste, que nos levava ao cimo do monte; João Chrysostomo, camarada sempre amigo, de lapis em

punho, apanha situações patuzcas...; o Moreira, ao pé do Soucasaux, tomando conta no burro, como director tacitamente aclamado, lá vac, tambem, entre sorridente e sério, entusiasta sempre, sempre respeitavel como um Abrahão que retira com creados e bagagens para longinquas terras fecundas; o Paulo e o José Vieira, pau argolado na mão, chapen a ré, uma perna adiante da outra...; Domingos Coelho, esse sympathico rapaz, que todos conhecem, calça arregaçada, binoculo em punho, mais parecendo um archeologo profundo que parte a descoberta de grandes e velhos segredos, do que um excursionista que allia a interpretação sincera da immensa natureza, que se desenrola no horisonte fecunda e deslumbrante, á significação da jornada scientifica; os demais, lá vac tudo,—por entre os matos, caminhos rudes, batidos agora por um sol ineludente que principia a escaldar as pedras dependuradas como escaleas de granito no mais alto da encosta.

Chegamos. 8 horas.

Toca a almoçar. Almoçar! ¿E então a Citania? ¿a exploração? Ai, rapazes, que fome! A Citania fica para logo. Que durmam mais um pouco essas ruinas. Vamos ao almoço, ó Russa.

—Elle é o frango assado, elle é o bife, os bolinhos de bacalhau e de carne, elle é o peixe frito, elle é o bacalhau frito, elle é o salpicão ás rodellas, até e guloso do Cardoso Pinto levou os bolsos cheios de bolacha Maria... Caramba! um homem não é do pau! Toca a oncher o bandulho.

Enquanto uma duzia do robustos obreiros alira com o alvião demolidor para os muros senis d'aquella fortaleza onde parece que se levanta o Passado n'uma exclamação de somnolento que é accordado aos beliscões, Coelho e Soucasaux, arranjam a cozinha, cozinha rapida de campanha. De repente, ao longe, para os lados do norte, apparece um homem n'uma baixa do monte, casaco traçado ao hombro, pau na mão, chapen cahido na frente, andar tonto de tresalhado... ¿Quem será, ó rapazes? ¿Talvez o dono da propriedade? Era o José Maria d'Oliveira, que não tinha chegado a tempo de acompanhar a gente, tres horas perdido por aquelles montes, piugando suor até pelas unhas dos pés, estafado, vermelho como um bêbado...

Bravo! bravo! até que emfim!

O sol do meio dia cahia a prumo. No horisonte immenso! uma belleza verdadeiramente assombrosa!

—Viva o abbade Paes! Vi...val!

E o abbade lá vinha, de espingarda ao hombro, cangalhas acayalladas no nariz... e com o abbade a esperança de um grande cantaro de vinho para o jantar. Vinha com elle o sympathico abbade da Pousa, um bom velhote, que

A Lagrima

pela tarde, á hora do jantar, esteve quasi a ser comido pelo burro, quando com uma nevralgia que lhe levava a cara, dormitava entre o matto onde o burrico procurava qualquer coisa para o estomago. Foi o Pegas quem o salvou.

O Bom Jesus, além, elevava-se como uma grande escadaria branca a subir para o ceu...

São horas de jantar. 4 horas. Junta-se. Tonha de rocha e matto. O José Martins á beira das cosinheiras, sollicito, traquin, entusiasmado com o panorama de um horizonte de muitas leguas de bellezas e com o cheiro da orelheira que sahia da panella finalmente aberta para o serviço... Alegria franca e espontanea. Oh! o abba de Paes! que bello rapaz das sessenta annos! Que boa pinga aquella que o Gião trouxe no fim do jantar, para sobremeza... e que alegróte... Canta-se, bebe-se. Parece que só o avançar da tarde nos arrancaria aquella reinação, ché'a de saude e de vida, pura como as almas selvagens que por ali habitam n'aquelles montes batidos por seculos, e por um sol que todos os dias desentranha d'aquelles socaleos rebentos de matto que engrossam como punhos...

ALFINETADAS

N'um grupo:

Muitas palmas, muitos bravos, ao lêr-se os artigos sobre o bicho da seda, escriptos por Albino, na «Folha da Manhã».

—«Deixem-me entrar. Peço a palavra. Albino não escreveu. Copiou.»

Depois de ditas estas palavras por um adventicio intromettido ouviu-se uma immensa rodada de palmas... com os pés.

Talvez Albino nem sequer notasse que a sua paternidade sobre o bicho era já maternidade d'outros...

* N'uns folhetins, publicados com o titulo «No collegio», de que Albino era auctor, lia-se:—«(Escrepto expressamente para a «Folha da Manhã.» O povileco precipita-se sobre a «Folha» como um batalhão de moscas sobre um torrão de assucar. Explica-se bem. E' que folhetins escriptos expressamente para determinado jornal, só os conhecemos de Eça de Queiroz, de Fialho, de Camillo e d'outros escriptores de vulto, escriptos que são uma especie de exploração mercantil, feita com os nomes de publicistas consagrados, pelas empresas jornalisticas.

Um dos presentes lê com avidez o folhetim d'Albino e ao chegar áquella passagem que diz—«...barbas brancas grisalhas...»—Pocage que estava perto, agarra-lo a uma argolla, grita, n'um esforço de quem não tem esperas:

—«Mas saiu.»

* Relação dos escriptores que, sob a direcção «pandilha» e no «sajo papel» da «Lagrima»

(como diz Albino) tem publico seus escriptos e pensamentos: Alves Mendes, Antonio Feijó, Alberto Pimentel, Julio Brandão; drs. Eduardo Salazar, Polrigo Velloso, Ludgero Ramires. Luiz de Novaes, Augusto Monteiro, Martins Lima, Antonio Ferraz, José Ramos, Augusto Mattos, Sá Carneiro; Silva Esteves, Dias Costa, Cardoso Pinto, Ayres Duarte, Arnaldo Braz, Domingos Figueiredo, Placido Lamella, Francisco Carmona, Antonio G. da Cruz; padres Roberto Maciel, Manuel d'Araujo, Dias Velloso, Ant.º J. de Miranda e tantos outros que não enumeramos para não tornar fatigante a lista.

Relação dos cavalheiros que tem abandonado a «Folha da Manhã»...:

Dr. Luiz de Novaes, Ayres Duarte, Cardoso Pinto, Antonio Gonçalves da Cruz, padres Roberto Maciel e Dias Velloso, Domingos Carreira e Silva Esteves.

* Interview:

—«Dá licença, sr. Paes de Faria? Que lhe parece da intromettencia d'Albino no jornalismo de Barcellos?»

—«Eu lhe digo, meu caro: nasceu elle em Soutello, nas terras de Barroso, lá onde a neve é rija e o toucinho tem a vermelhidão do tomate ma luro, e veio ser profeta n'esta terra que dezesete mil peitos viu armados.»

* Albino descia, se'smatico, somnambulo, pelo campo da feira. O de lo indica tor da dextra no meio da testa como que a seguir no espaço a direcção d'um pensamento que se esgueira. Parece que pensava em alguma coisa. N'aquella posição forçada, a mão direita foi descahindo, d'scaindo...

O olhar vago d'Albino fixou-se no dedo, erguido como um espêto. E de repente, sacudido, nervoso, n'uma convulsão, Albino metteu triumphantemente o dedo pelo nariz acima...

* Que ventura ter-se dinheiro!

Pode a gente ás vezes ter uma sacca de libras á mão com que escangalhe a cara a um inimigo, quando não po le arrancar do cerebro uma ideia com que confunla os seus argumentos!

* «Caramba!... dizia o Albino, eu não sou de pedra, e aquillo do Cardoso Pinto ridicularizou a minha personalidade de Senhor do Barco. Se elle se tivesse rebaixado no seu escripto, eu bem me arranjava, alteian-lo-me no meu. Porém para o seu ridiculo tenho um expediente—o insulto!...»

...E o sapateiro do Albino ao ler, no outro dia, o ataque *person* ao Cardoso Pinto exclamou:

—«Nunca devia Albino empunhar a penna d'escriptor mas sim a sovela.»

Responsavel—João Gonçalves da Silva
Typographia Barcelleuve